

Maria de Fátima Silva

Coordenação



topias  
& Distopias

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Imprensa da Universidade de Coimbra  
Email: [imprensauc@ci.uc.pt](mailto:imprensauc@ci.uc.pt)  
URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

CONCEPÇÃO GRÁFICA  
António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO  
Tipografia Lousanense, Lda.

EXECUÇÃO GRÁFICA  
Tipografia Lousanense, Lda.

ISBN  
978-989-8074-74-4

DEPÓSITO LEGAL  
289002/09

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:  
**Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos**  
**Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Maria de Fátima Silva  
Coordenação

*U*topias  
& Distopias



### ALEXANDRE E A IDEIA DE UM IMPÉRIO

Se há na história figuras marcantes cujo fulgor perdura ao longo dos séculos, Alexandre é, sem dúvida, uma delas. Celebrizado pela coragem, pela perícia no combate, pela capacidade de comandar exércitos e dominar inúmeros povos, Alexandre é o homem que sonhou e criou um império. Talvez não tão extenso como ele desejaria, mas um dos mais extensos da Antiguidade Clássica e cuja duração, se politicamente correspondeu à vida do seu criador, perdurou, culturalmente, por vários séculos. Ao proceder às suas conquistas, Alexandre tinha uma visão, uma ideia concreta do império que tencionava construir. Precisamente por isso, não se limitou a subjugar povos, mas tentou levar a cabo uma política unificadora, de que os casamentos mistos são um dos exemplos mais conhecidos.

Mary Renault, no seu romance *O Jovem Persa*, apresenta-nos as ambições políticas de Alexandre e a sua simpatia para com os costumes persas, procurando seguir o exemplo de Ciro. Este romance, escrito em 1972, é o segundo de uma trilogia que inclui *Fogo do Céu* (o primeiro romance da trilogia) e *Jogos Funerários* (também o último livro desta autora). Não se trata de um romance histórico, visto que Mary Renault, embora respeitando os factos históricos, serve-se deles para ilustrar um determinado aspecto. No caso específico deste romance, os factos históricos são apresentados do ponto de vista do narrador, o jovem persa que dá o título ao romance.

Este jovem, de nome Bagoas, pertencia à tribo de Ciro e estaria destinado a continuar a tradição familiar, não fora dar-se o caso de, após o assassinio do rei Oco, o seu pai ter sido assassinado por um traidor, Orxines. Bagoas, com 10 anos, vê as irmãs violadas e mortas, é levado pelos assassinos, castrado e vendido. Durante uns tempos, ele é apenas um dos eunucos que acompanha a mulher do seu dono. Mas, um dia, este começa a prostituí-lo, até aparecer alguém interessado em comprar o jovem. É desta forma que Bagoas se vê transformado em eunuco de Dario. Para melhor agradar ao Grande Rei, ele foi devidamente ensinado, de modo a dominar perfeitamente a arte da sedução. Bagoas foi sempre fiel a Dario, apesar de por vezes ter sido vítima de alguma irascibilidade do soberano. Mas o afecto era um dos traços mais salientes do seu carácter e, a par da sua educação, impedia-o de se mostrar menos respeitoso para com o seu senhor. É sobretudo na companhia de Dario que Bagoas se apercebe da existência de Alexandre, então apenas um forte inimigo, um estrangeiro que vinha conquistando territórios e que foi capaz de derrotar Dario. Mas já nessa altura se nota a diferença entre eles: à sumptuosidade de Dario opõe-se a sim-

plicidade de Alexandre, o que se reflete no modo como se movem, como fica patente na descrição da composição do exército do Grande Rei, quando se prepara para enfrentar Alexandre. Dario avança num carro, acompanhado pela corte, nela se incluindo as suas concubinas, o que implica o transporte de inúmeros bens, necessários à vida da corte, mas totalmente dispensáveis no campo de batalha. Alexandre, por seu turno, avança a cavalo apenas com os seus homens. O resultado é que este se move bastante mais depressa do que o rei persa. Outra diferença, quiçá mais importante ainda, consiste no facto de o Grande Rei se manter à distância, assistindo ao combate, fugindo para preservar a vida, enquanto Alexandre combate à frente dos seus homens, incentivando-os, apesar dos riscos<sup>1</sup>. Bagoas, como jovem inteligente que é, não pode deixar

---

<sup>1</sup> A este respeito, vejam-se duas descrições da preparação do exército para partir. A primeira é do exército persa e mostra toda a ostentação da corte: “Segundo a tradição, o Rei deve iniciar a marcha ao despontar do dia. Não sei se com isso se pretende obter a bênção do fogo sagrado, ou afastar o sono. As liteiras e os carros foram preparados durante a noite. A maior parte de nós teve que se levantar logo a seguir à meia-noite para se preparar para a viagem.

Ao amanhecer, mal podia acreditar que o verdadeiro exército se encontrava na Babilónia e que esta coluna desenhando-se no horizonte numa extensão de mais de um quilómetro, não era mais do que o séquito da Casa Real.

A Guarda do Rei, os Dez Mil Imortais, que jamais deixavam só a sua pessoa, ocupavam uma considerável parte daquela extensão. Seguiam-se-lhe os Familiares do Rei. Trata-se de um título de honra que nada tem a ver com a consanguinidade: eram quinze mil, embora dez mil tivessem já partido para a Babilónia. Era bonito vê-los, em formatura junto aos archotes, com os seus escudos trabalhados a ouro, as jóias a brilhar nos capacetes.

Veio depois o Mago com o seu altar de prata, pronto a acender o fogo sagrado e assim dar início à caminhada. (...)

As bagagens pareciam estender-se por quilómetros. Só para o Rei havia uma dúzia de carros, com a tenda, mobília, vestimentas, artigos para a mesa, a tenda de viagem para o banho, com todos os adereços necessários. Depois havia carros para os utensílios dos eunucos, e outros para as mulheres. O Rei levava consigo as concubinas mais jovens que eram mais de cem; elas e a sua aparelhagem, e a dos eunucos, constituíam apenas o princípio. Os nobres da corte que não tinham ainda ido para a Babilónia, levavam consigo as mulheres e os filhos, os haréns e *toda* a sua bagagem. Seguiam-se os carros com os mantimentos, pois um séquito assim não podia viver daquilo que encontrasse ocasionalmente pelo caminho. Os archotes delinavam uma fila cujo limite não conseguia agora abarcar. Atrás dos carros e das carroças com bagagens vinham os acompanhantes que se deslocavam a pé: o exército de escravos que tinha a tarefa de erguer e desmontar o acampamento, os cozinheiros, ferreiros, criados e artífices, além de um imenso grupo de criados privados, como o meu.

Cavalguei no percurso inverso da estrada até à praça do Palácio Real, ao mesmo tempo que a luz dos archotes se extinguia. Traziam agora o Carro do Sol. Todo ele era folheado a ouro. Um emblema solar distinguia-se num poste de prata. Era o símbolo do deus, seu único passageiro. Nem mesmo ao corpo do condutor era permitido profaná-lo; a sua parelha de garanhões brancos era conduzida a pé.

Em último lugar vinha o carro de batalha do Rei, quase tão magnífico no seu aparato quanto o do deus. (Pensei se ele seria tão belo quanto aquele que deixara para Alexandre.). O condutor arrumava então as armas reais, lanças, arco e flechas. À sua frente estava a liteira destinada à jornada, com os seus embutidos a ouro e a coberta bordada a prata para o proteger do sol.

Quando a luz começou a despontar no leste, surgiram os filhos dos Parentes, um grupo de jovens pouco mais velhos do que eu, que marchariam antes e depois do Rei, vestidos de púrpura da cabeça aos pés.” (Mary Renault, *O Jovem Persa* [tradução e posfácio de Mário Avelar, Lisboa, Assírio e Alvim, 2004<sup>2</sup>] pp. 44-45). A passagem que se segue mostra a rapidez com que o exército de Alexandre levanta o acampamento: “Levantámos o acampamento pouco tempo depois. A velocidade com que o fizemos deixou-me perplexo. Mal soou a trompeta, toda a gente parecia saber qual a função que lhe estava destinada sem receber instruções algumas. Fui o último a ir buscar o meu cavalo e o responsável pelos cavalos censurou-me. Quando regresssei, a tenda desaparecera e as minhas coisas tinham ficado por ali. Estávamos a caminho uma hora antes de Dario ter acordado.

de ver estas diferenças, embora a sua fidelidade a Dario o impeça de tecer comentários menos abonatórios sobre este<sup>2</sup>.

O assassinio de Dario afecta naturalmente a sorte de Bagoas. Quando todos se afastam, com receio de Alexandre, o jovem vê-se esquecido, deixado para trás. Decide, então, procurar um dos sátrapas que se manteve fiel ao rei, acabando por ser apanhado por Narbazanes, que aproveita a oportunidade que se lhe oferece: indo entregar-se a Alexandre, este Persa decide oferecer-lhe o jovem eunuco, na esperança de que em troca de tal presente o rei Macedónio lhe preserve a vida.

Habituação à vida na corte persa, Bagoas começa por mostrar, relativamente a Alexandre, alguma distância, misturada com receio e timidez. Recordemos, a este propósito, a descrição que Heródoto faz da instituição da monarquia meda por Déjoces, do palácio que este mandou construir em Ecbátana e dos ritos que impôs: admissão restrita à presença do rei, bem como proibição de rir e de cuspir na sua presença<sup>3</sup>. O jovem persa estranha a familiaridade do rei macedónio para com os seus companheiros, que o tratam como a um igual. Aliás, até o aspecto físico é relevante para Bagoas, que facilmente reconhece que Heféstion tem uma estatura mais adequada a um soberano do que Alexandre<sup>4</sup>. Simultaneamente nasce uma admiração por este homem, tão diferente dos Persas, tão voluntarioso e tão decidido, admiração que logo se transforma em afecto. Esta evolução nos sentimentos de Bagoas para com Alexandre está patente também na forma como se lhe refere ao longo do romance: inicialmente ele é o jovem; posteriormente passará a ser o jovem rei e, finalmente, será Alexandre, numa graduação reveladora, também, do seu reconhecimento pelo valor do novo soberano.

Ao longo de todo o romance está patente o amor de Bagoas por Alexandre, os ciúmes – e a rivalidade – de Heféstion, o seu orgulho e os seus receios relativamente a Alexandre. A fidelidade que Bagoas demonstrou para com Dario transfere-se agora para o rei macedónio, valorizada pelo sentimento que os une e que influencia o modo como o jovem vê Alexandre. Ele admira o seu carácter, a sua compreensão, a sua preocupação com os outros, a sua generosidade, a sua ambição. Isto é revelado de formas diversas: a amizade de Alexandre e Heféstion (Bagoas distingue sempre esta relação da que ele próprio mantém com Alexandre, revelando que consigo o

---

Tentei ver onde Alexandre tomaria o seu lugar. Não vislumbrei sinais dele e perguntei ao escriba que seguia a meu lado. Apontou para diante onde um carro se deslocava a uma velocidade razoável. Um homem saltava dele e corria a seu lado, sem que o carro abrandasse, voltando de novo a saltar para cima. Perguntei-lhe: «Por que é que ele obriga o homem a fazer aquilo? É algum castigo?». Ele atirou a cabeça para trás e riu: «Mas esse é o Rei.». Vendo o meu espanto, acrescentou: «Está a exercitar-se. Não suporta o ritmo da marcha. Às vezes caça quando vale a pena.» (Mary Renault, *op. cit.*, 114).

<sup>2</sup> A este respeito veja-se o modo como recebe a notícia da derrota de Dario em Gaugamelos: «Os nossos olhos comunicaram entre si dispensando mais palavras. Creio que os meus diziam, «Mais uma vez o primeiro a fugir. Mas quem sou eu para o afirmar? Não derramei sangue algum por ele, e ele deu-me tudo o que possuo.». E os seus responderam, «Sim, guarda os teus pensamentos para ti. Ele é o teu amo. Tal é o princípio e o fim.» (Mary Renault, *op. cit.*, 60).

<sup>3</sup> Cf. Heródoto, *Histórias*, I. 98.1-99.2.

<sup>4</sup> Recordemos a este propósito que, após a batalha de Isso – em que a Rainha, a Rainha-Mãe e os filhos de Dario são capturados por Alexandre –, quando um dos escravos da Rainha é libertado e chega à corte de Dario, conta que Alexandre pedira à Rainha-Mãe que o recebesse. Quando este entra nos seus aposentos, esta curva-se perante Heféstion, julgando ser ele o rei.

Macedónio teria aprendido o que era amar como um homem); o cuidado de Alexandre com o cão, Peritas, ou com Bucéfalo; a sua preocupação com os soldados. Salienta, também, a humanidade de Alexandre: não se vinga dos inimigos que se lhe rendem; antes confia neles, chegando a dar-lhes cargos de confiança. No entanto, com um elevado sentido de justiça, pune sem hesitar quem o merece.

Mas há um outro elo de aproximação entre ambos, Ciro, o Grande. Pouco tempo depois de receber Bagoas, Alexandre encontra uma tarefa para o jovem – ensinar-lhe a língua persa. E propõe que essa aprendizagem seja feita com base na *Ciropeia*, de Xenofonte, que ambos irão lendo em Grego ao mesmo tempo que Bagoas a traduzirá para Persa. “Desde criança”, diz Alexandre ao jovem eunuco, “que Ciro é para mim o padrão de um rei, tal como Aquiles, alguém que tu não conheces, o é para os heróis.”<sup>5</sup>. Saliente-se que a história de Ciro que Bagoas conhece não é a que nos é contada por Xenofonte, mas aquela que Heródoto nos transmite. O que é significativo, dado que esta versão, não obstante retratar um Ciro forte e poderoso, concede uma maior importância ao papel do destino na vida deste rei. Assim sendo, se esta aproximação já tinha um duplo sentido – dado que Alexandre pretendia uma relação mais estreita com Bagoas e, ao mesmo tempo, sabia que Ciro não era indiferente ao jovem –, vai também adquirir outro significado, na medida em que dará origem a um paralelismo entre dois grandes construtores de impérios. A afirmação de Alexandre é prenúncio da influência que Bagoas irá exercer sobre ele, contribuindo para que ele se adapte aos costumes persas. O jovem persa é-nos sempre apresentado, ao longo do romance, como o indivíduo civilizado, que estranha os hábitos tão pouco refinados dos Macedónios. Nas suas conversas com Alexandre, ele explica-lhe os costumes persas e a sua razão de ser. O rei é curioso e tem interesse em aprofundar os conhecimentos sobre os costumes dos povos conquistados. Gosta das explicações de Bagoas e, seja por vontade própria, seja para lhe agradar, vai adoptando alguns hábitos persas. Alterna o uso de vestes gregas com o de roupas persas, frequentemente de acordo com a ocasião; usa, se o momento pode exigir, a Mitra e o manto real; chega mesmo a impor a prostração, acto que Gregos e Macedónios têm relutância em aceitar, mas que os Persas consideram como um sinal de respeito para com o seu soberano. Do mesmo modo, em questões de justiça, Alexandre começa a adoptar algumas penas características dos Persas, embora distinga sempre entre estes e os Macedónios, agindo de forma diferente.

Há, contudo, um outro aspecto relevante no modo como Bagoas vê Alexandre e as suas conquistas. O eunuco percebe rapidamente que o objectivo de Alexandre não é apenas o de subjugar povos, mas, entre outros, o de criar um império idêntico ao de Ciro. Logo, pretende que os vencidos o vejam como um dos seus, o Grande Rei. Este é um dos motivos por que as suas conquistas não parecem ser suficientes: vai alargando o território sobre o seu domínio, tomando medidas para a sua pacificação. Não hesita em entregar cargos de confiança aos conquistados, sobretudo os que não hesitaram em render-se-lhe, e chega a casar com uma nativa, Roxana, bem como com a filha de Dario, num casamento claramente político acordado com a Rainha-Mãe. Além disso, na sua tentativa de se equiparar ao Grande Rei, Alexandre, nas suas

---

<sup>5</sup> Mary Renault, *op. cit.*, 127.



deslocações, opta por ficar no palácio real, em detrimento da sua tenda. Simbolicamente, visita o túmulo de Ciro para o venerar, mas ao constatar que fora violado irrita-se violentamente, procurando descobrir o responsável por tais actos. E, como se tudo isto não fosse suficiente, Alexandre decide criar uma força militar constituída por Persas e cuja acção cedo se salienta. Esta atitude do rei macedónico acaba por funcionar como uma lâmina de dois gumes: se, graças à sua abertura para com os hábitos persas, atrai a simpatia dos vencidos, também irá sofrer a irritação dos Macedónios.

Este não é, porém, o único motivo que move Alexandre, o qual, não obstante a oposição dos seus homens, pretende continuar as suas conquistas. Aqueles seguiram-no lealmente e combateram sempre com bravura. No entanto, com o correr dos anos, querem regressar à pátria e às suas famílias. Alexandre sente-se bem onde está e com o que faz. Além do mais, confia naqueles em quem delegou o seu poder, homens como Crátero ou Antípatro. Sabe que está a ser bem substituído na Macedónia. Por outro lado, seguir em frente satisfaz outro dos seus objectivos, de que Bagoas parece aperceber-se claramente: alcançar o Oceano, que circunda o mundo e que os reconduziria novamente à Macedónia. À coragem e força do conquistador alia-se a curiosidade de alguém que quer descobrir mais, algo de que se fala, e cuja existência, embora ainda não esteja comprovada, irá unir o mundo.

Estamos aqui perante uma dupla noção de império: um império unido, sem vencedores e vencidos, mas também um império que – a concretizar-se a ideia de atingir o Oceano – poderia abranger a totalidade do mundo. Se esta última noção nunca correspondeu à realidade, já o mesmo não podemos dizer da primeira. Embora estejamos perante uma posição bastante discutida e, que nos últimos anos tem sido objecto de intepretações diferentes, é evidente que Mary Renault, ao escrever o romance, se baseia na ideia de que Alexandre teve uma política unificadora. Ela tem o cuidado, por intermédio do narrador Bagoas, de corroborar certas afirmações com Ptolomeu, o qual, enquanto general de Alexandre, teria tido conhecimento de muito do que se passara e que, graças à posição que veio a ocupar após a morte daquele, não teria qualquer interesse em mentir. Entre esses factos, refira-se a consideração que Alexandre demonstra para com a mãe e a mulher de Dario; o grave ferimento de Alexandre no ataque à fortaleza dos Malos; a sua coragem e intrepidez. A comprovar a razão da autora em servir-se de Ptolomeu para confirmar as suas afirmações, temos Arriano, que nos apresenta Aristobulo e Ptolomeu como os mais fidedignos de entre os historiadores de Alexandre.

Por outro lado, se atentarmos no que foi a política de Alexandre e o resultado das suas conquistas, compreendemos que o romance é fiel ao seu ideal. A política de Alexandre foi, de facto e a diversos níveis, uma política unificadora: os casamentos mistos, a adopção de um mesmo sistema administrativo para todo império, a cunhagem de moeda e o alargamento da educação grega – e, por seu intermédio, também da cultura helénica – aos povos conquistados contribuíram, sem dúvida, para essa unidade do império. Ainda que a educação não se tenha estendido a todas as classes sociais, e tenham permanecido outras formas de educação, designadamente no Egipto, verifica-se no mundo helenístico alguma unidade cultural que mostra como, em certa medida, o ideal de Alexandre se cumpriu. Não politicamente, mas culturalmente.

## Abstract

Alexander was one of the most well known conquerors of the world. And it looks like he had a vision, an idea of the kind of empire he wanted to build. This is why he didn't just conquer several regions of Asia Minor and Egypt, but he also decided to unify his empire. In order to do so he took several measures, as the imposition of mixed marriages or of the same administrative system. He also took measures to provide the same education to the greater possible amount of people. In Mary Renault's *The Persian Boy*, a young Persian presents us a portrait of Alexander as a ruler with great political ambitions, sympathizing with Persian habits and trying to follow Cyrus' example as a conqueror and an empire's builder.



Série  
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press

2009

